

# TROCANDO OS PAPÉIS: ENSAIO GERAL (REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE TENDÊNCIAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS)

Lúcia Bettencourt (UFF)

Artigo recebido em: 11/11/2009  
Aceito para publicação: 21/12/2009

## RESUMO

Com a popularização da internet e das novas ferramentas de texto, uma tendência parece estar bem delineada entre os autores contemporâneos: o exame do próprio fazer literário.

**Palavras-chave:** Narrativa. Escrita. Blog.

## ABSTRACT

With the popularization of the internet and of the new word processing tools, a tendency seems to be well outlined between authors nowadays: the analysis of the text production itself.

**Keywords:** Narrative. Writing. Blog

Uma tendência parece estar bem delineada entre os autores contemporâneos: o exame do próprio fazer literário. Romances e contos se debruçam sobre si mesmos, narcisicamente, contemplando o mistério de sua própria criação.

Com a popularização da internet e das novas ferramentas de texto, essa autocontemplação se revela ainda mais disseminada. Abrindo o Twitter e respondendo a questão que se coloca: “*O que você está fazendo agora?*” respondemo-la, sucintamente, com 140 caracteres (ninguém tem mais atenção nem tempo para desperdiçar, e o agora é quase imediato) e nos colocamos no papel de protagonistas fugazes de uma história coletiva.

No Facebook, a esfinge cibernética nos confronta com outra questão: *sobre que estamos pensando*, e mais uma vez nos colocamos em evidência, supostamente exibindo-nos diante de uma plateia que talvez só exista em nossa imaginação.

Seria isso uma novidade? Nestes tempos de Big Brother, o exibicionismo se tornou uma necessária prova de vida? Será que passamos a só existir enquanto projetamos uma imagem? Os tempos futuros de Fahrenheit 451 (1966, filme de Truffaut de 1953, romance de Ray Bradbury) parecem estar acontecendo agora e, se o domínio do virtual chegou, seria também chegada a hora de temer o fim do livro?

As estratégias narrativas sempre se acomodaram à presença do autor no texto, informando-nos, por exemplo, sobre a descoberta de um manuscrito entre as páginas de um livro ou de uma carta remetida por um amigo moribundo, que solicita a publicação da história para a redenção de um erro cometido no passado. Cervantes, em seu **Dom Quixote**, usa esse tipo de estratégia – e cria o manuscrito do sábio Berengena – o que lhe permite penetrar no texto sempre que lhe convém comentá-lo e criticá-lo.

Com maior ou menor frequência, essas estratégias perpassaram todos os estilos de época e todas as diferentes regiões do globo. Na modernidade, no entanto, a presença autoral parece haver se intensificado a ponto de ficcionalizar o próprio autor, que pode aparecer no texto escrevendo-o. Lembramos, por exemplo, o final de **Cem Anos de Solidão**, de Gabriel García Márquez (1998). Ou, exemplo ainda mais contemporâneo e mais sofisticado, seria o do romance (romance?) de John Maxwell Coetzee, **Elizabeth Costello** (2004)/**A vida dos animais** (2002) em que uma personagem “usurpa-lhe” a

palavra na conferência de aceitação de cobiçado prêmio literário. As fronteiras diluídas exigem do leitor um esforço a que ele cada vez se desacostuma mais, sentado em frente à TV, anestesiado com as edições dos telejornais, que tudo mostram, mas nada examinam, e com os programas de realidade (reality shows) dos quais a “vida real” é cuidadosamente excluída e substituída pelo jogo. A literatura, alerta, continua procurando estratégias para manter o pensamento vivo. As dificuldades que cria para a verossimilhança podem se traduzir em apelos à crítica, numa troca de gêneros literários que vão perdendo suas fronteiras definidas em séculos anteriores.

Misturando criação e crítica, Machado de Assis foi hábil em colocar o autor dialogando com o leitor, ou, de preferência, com a leitora, guiando-a em seu percurso pela narrativa. Esse seu diálogo parecia uma bem humorada tentativa de formação de plateia, preocupação que explicitou nas crônicas e nos artigos, ao tratar do panorama literário existente em sua época. Ele desejava ensinar, formar, provocar reflexões. O grande mestre, com pi(t)adas seguras, temperou seu texto com reflexões e alegrou nossas leituras ao incluir-nos no texto.

Outros autores brasileiros, num caminho diferente, aproveitaram suas experiências pessoais e criaram alteregos que os representassem dentro de suas narrativas quase jornalísticas. Responderam, assim, à pergunta “*o que você está pensando agora?*”, antes mesmo que ela tivesse sido formulada pelo Facebook. Seus livros sugerem verdadeiras reportagens, escritas para interpretar o momento em que se passam as ações do texto. Mesmo quando feitos com isenção e pretendida imparcialidade, os sentimentos e ideias do autor interferem na narrativa e invadem-nas em pequenos ensaios que, quando lidos, revelam não apenas as ideias em voga na época de sua escritura como comentam os pensamentos e atitudes vigentes e também fornecem as opiniões pessoais de quem vivencia o momento em questão ou examina a sociedade que escolhe. Como exemplo, podemos citar **Quarup**, de Antônio Callado (1984), livro que surge após a grande reportagem **Esqueleto na Lagoa Verde** [19--], O autor narra a expedição organizada para buscar indícios do destino do Coronel Fawcett (esse mesmo que inspirou a personagem Indiana Jones, e que será representado por Brad Pitt nas telas cinematográficas). Lendo o relato da expedição, encontraremos as personagens que habitarão o interior do romance Quarup e que debaterão ou exemplificarão as ideias dos

ensaios sobre a situação e o futuro da América como um todo. Trata-se de um movimento inverso ao de Machado. Em vez de convidar-nos para a ficção, Callado mantém os leitores de fora, mas permite que o real invada o literário. Numa época de repressão política, de censura, de governos autoritários e truculentos, somente no espaço “utópico” da literatura os fatos reais podem ser revelados sem máscaras e repensados com relativa segurança. Essa espécie de proselitismo, de desejo de educar os leitores se deve a uma sensação de que a imprensa estava multiplicando o número de clientes e, portanto, era uma plataforma abrangente, formadora de opinião.

Voltando, porém, à literatura ainda exposta nos balcões das livrarias e presente nos comentários de revistas eletrônicas e blogs de hoje em dia, notamos uma interessante percepção por parte dos autores: a de estarem inseridos num universo em que o público leitor é muito restrito. A imprensa vai, pouco a pouco, passando seu império para outros tipos de mídia. Os próprios autores jovens até confessam que não leem nem ao menos gostam de ler. A oferta de textos, paradoxalmente, aumenta graças aos novos meios de publicação, cujo produto chega a ser distribuído gratuitamente, mas nem assim se amplia o mercado. A queixa é geral: os leitores estão desaparecendo. Com o enfraquecimento do ensino público e o fortalecimento do rádio e da televisão, o povo está se desinteressando da leitura. A alfabetização deixou de dar sentido ao mundo, passando a ser “funcional”, deixando as pessoas apenas aptas, corroborando metas constitucionais.

Os autores de hoje percebem que escrevem para si mesmos ou para outros autores, numa ciranda literária cada vez mais acelerada. Essa percepção de que o livro disputa sempre os mesmos leitores dentro da chamada “academia” e de que, através de sua crítica, podem decidir os destinos das obras publicadas gera uma nova atitude criativa. No passado, o exame das ideias nos ambientes acadêmicos e sua inserção nas obras de ficção podiam servir a um objetivo pedagógico e educativo, pois havia a suposição de que os leitores ultrapassavam as fronteiras universitárias e podiam ser levados a aumentar sua capacidade de análise pela leitura de textos e revelações de situações que lhes eram trazidos no meio supostamente “mais agradável” e “mais fácil” da ficção. Hoje, a percepção que grassa entre os escritores é a de que seu público encolheu, e que os seus famosos “17 leitores” já conhecem a fonte de suas ideias, pois estão bebendo no mesmo manancial.

Observando esse autocentramento, os temas das obras parecem ter poucos caminhos a seguir: ou se voltam para a necessária crítica de seu ambiente e de seus problemas pessoais ou procuram o exame da degradação da periferia e da cidade. Grandes nomes da literatura internacional publicaram livros que se debruçam sobre a própria academia: **A marca humana**, de Philip Roth (2002), **Desonra**, de John Coetzee (2000), e **Rimas da vida e da morte**, de Amós Oz (2008) podem servir de exemplo. Enquanto os dois primeiros colocam o professor universitário como protagonista, o último coloca o próprio escritor e o ato de escrever em cena.

Discutindo cerceamentos e motivações pessoais, bem como os caminhos de interpretação superficiais que levam à condenação leviana, sem considerar as razões que embasam os atos e sem levantar os dados exigidos para um julgamento exânime, os romances citados chamam atenção para os perigos que o ambiente universitário vem sofrendo numa época imediatista e cultuadora de imagens fugazes, nas quais a censura de ideias e de liberdades pode se disfarçar sob o manto do “politicamente correto”. As palavras e os atos condenam antes mesmo de que sejam examinados em sua verdadeira essência. Tudo o que conta é a aparência, e é por causa dela que palavras e atos devem ser censurados. Quando alguém se recusa a satisfazer as aparências “arranhadas” submetendo-se a representar um arrependimento fictício, é condenado impietosamente, pois seus pares podem fechar os olhos para certos crimes, mas são incapazes de perdoar essa falta de adesão às hipocrisias ideológicas.

Esse perigo também existe porque até mesmo os “pesquisadores” se recusam a ler o trabalho de seus colegas, com a alegação de que não desejam se contaminar por leituras anteriores. O desejo de originalidade os leva a recusar o diálogo e o perigo é a perda de comunicação: e ela se torna um ato viciado em que todos se colocam no papel de emissores, mas ninguém deseja ser o receptor. Por isso mesmo a crítica corre o risco de se diminuir, apequenando-se e colocando-se sempre as mesmas questões, repetindo os mesmos chavões a que uma leitura cada vez mais superficial pode levar.

Oz, no romance citado (**Rimas da vida e da morte**), examina o ambiente desses leitores apressados e preguiçosos, o circuito do que se poderia chamar “pequena crítica” e os “círculos literários”: Cansado de responder sempre às mesmas perguntas que os cadernos de cultura e os

alunos de literatura repetem à exaustão, o romance se transforma numa lição de leitura e de escritura. A ação transcorre em dois níveis: em um, o da realidade, a repetição anestesia tanto o autor quanto o leitor/ouvinte de conferências. No outro, a fantasia vai preenchendo de emoções a mesmice do cenário: cada rosto se transforma numa história possível que se corrige conforme a trama se desenvolve. Essas histórias podem se ampliar e justificar umas as outras, corrigindo imperfeições, dando um sentido maior ao mundo que, sem sensibilidade e reflexão, revela-se como arbitrário e fugaz.

Transitando num espaço entre ficção e ensaio, os autores procuram atingir um público que não consome ficção e que procura textos “sérios”. O recurso ao ensaio parece ser a estratégia mais inquietante e a que mais desestabiliza os leitores os quais indagam sobre a questão de limites. Onde traçá-los? Como estabelecê-los? Para que delimitá-los?

Se no caminho escolhido por esses escritores, a literatura parece voltar-se sobre si mesma e exigir uma grande dose de sofisticação formal, no outro extremo podemos encontrar textos que surpreendem pela sua falta de “literariedade”. Penso aqui em romances e contos mal recebidos pela crítica, como o de Cecília Giannetti (**Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi** – 2007) e os de Verônica Stigger (**Gran Cabaret Demenzial** – 2007), pois os críticos não quiseram reconhecer, na fúria antropofágica com que as duas reúnem influências retiradas da mídia, das histórias em quadrinho, dos quadros abstratos, as tentativas dar voz a quem vive à margem da cidadania básica, aos habitantes dos guetos, aos refugiados, aos marginais e aos muito jovens. O texto se despe e se mutila e as ideias aparecem contundentes como farpas, muitas vezes soterradas por baixo dos escombros da linguagem, tal como essas vidas que teimam em resistir aos destroços do mundo que as gerou. Há um apelo político tão forte como em romances da época engajada, mas já não se trata mais de exibir o pensamento da época em belos ensaios cheios de sentido e de figuras de linguagem. Agora, o leitor está na mesma posição de quem examina o lixo à procura de subsistência: há de revirar os detritos, encontrar os restos que ainda podem ser aproveitados para uso numa nova situação. A civilização se deixa examinar sob o prisma de sua destruição e inutilidade. Não há mais o maravilhamento do homem do início do século passado, cujo olhar se surpreendia com as vitrines excessivas e supérfluas das mercadorias. Se os olhos podem contemplar o novo, as mãos

só têm acesso ao despojo e a consciência percebe que os ícones existem apenas para serem destruídos.

Como crianças, tomamos o mundo em nossas mãos e nos distraímos ou em rompê-lo com violência ou em examiná-lo com olhos curiosos, enquanto desmontamos nosso brinquedo. A narrativa, esse brinquedo rompido, exhibe suas molas inúteis seja em lições de uso ou em monturos abandonados. Reinventando-se, deixa de lado as fronteiras de um pensamento cartesiano e adota a fluidez dos nossos tempos líquidos. E eu lhes digo, então, que isso é o que estamos fazendo agora. Ou, pelo menos, isso é o que estou pensando agora.

## REFERÊNCIAS

CALLADO, Antônio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: a seca fria. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, [19--].

\_\_\_\_\_. **Quarup**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COETZEE, J. M. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **A vida dos animais**. Organizado por Amy Gutmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Elizabeth Costello**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIANNETTI, Cecília. **Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

OZ, Amos. **Rimas da vida e da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROTH, Philip. **A marca humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STIGGER, Verônica. **Gran Cabaret Demenzial**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.